

-2-

12
ESTADO 1

Do paganismo.

Os prados e os bosques da paisagem filosófica brasileira não sofrem de um excesso de vida animal ou vegetal. A fauna e flora são escassas, embora biologicamente interessantes, já que pertencem, na maioria, a espécies já extintas em outras pragas. É enconradiço o "cactus tonista vulgaris", o qual dá algumas flores incultas e belas especialmente no campo árido da política. Umhas poucas ovelhas da espécie "ovis positivista Cante", provenientes do terciário, habitam as planícies escolares, onde se nutrem de sanidade. As colinas universitárias abrigam os últimos espécimens da espécie "Dynosaurus dialecticus Marx", os quais, por falta de alimentos nativos, se nutrem com produtos importados. Nas alturas, quase inalcançáveis pela visão limitada dos mortais, giram alguns pterodactylos da espécie "idealista Hegeli". O rato "mus existentialis Sartri" está se propagando ultimamente a ponto de constituir uma praga. O clima geral é árido e rigoroso, e, fenômeno interessante, os próprios carnívoros estão sofrendo uma mutação nesse clima, tornando-se ruminantes.

Nessa paisagem vive um fauno. Habita as cavernas da proximidade do nada, bebe das fontes dos gregos arcaicos, come as maçãs do monte Idus e, como é natural, foge da cruz. A sua vida é uma festa. Embora seja ele próprio somente um semi-deus, (é filho de Gaia com Heidegger), comunga intimamente com os olímpicos. Na paisagem árida representa uma oásis exuberante. É um filósofo autêntico, porque inebriado pelo doce veneno de pensamento. O seu nome é Vicente Ferreira da Silva.

O que escreve é revestido de uma densa carapuça de palavras difíceis. Mas as fendas dessa carapuça deixam entrever e foge da convicção e originalidade que o estilo pseudo-seco mal esconde. Embora não tenha eu autoridade de professor que penetrei essa camada protetora, cuso expôr ao leitor o que penso ter compreendido, porque creio que estamos em face de uma contribuição brasileira para a grande conversação que é a filosofia ocidental. Para tanto tomarei por base quatro trabalhos: "Instrumentos, coisas e cultura", (Revista Brasileira de Filosofia), "Floresta Sombria" (Diálogo), "Teologia e Antihumanismo" e diversas conversas pessoais (pois também representam um trabalho); estas baseadas em parte sobre o artigo "A natureza de simbolismo" (Revista Brasileira de Filosofia).

Parte Ferreira da Silva de seguinte premissa: Todo (ou praticamente todo) pensamento filosófico ocidental está viciado por um édio fundamental à "na-

e órfias

excesso de
de coisas

tureza". Esse ódio tem sua origem nas religiões bíblicas. Estas estabelecem uma ordem espiritual, "sobrenatural", em oposição violenta à natureza como conjunto das presenças divinas, isto é em oposição violenta ao paganismo. A história do Ocidente é a realização progressiva desse ódio. É a profanação progressiva da natureza. Esse progresso do Ocidente pode ser caracterizado da seguinte maneira: Em seu esforço de humilhar a natureza o homem ocidental se afasta dela e se opõe a ela. Assume a posição de observador, de "sujeito", e transforma a natureza em "objeto". A objetivização do mundo da natureza, (em oposição à subjetivização do mundo "espiritual"), tem por consequência a transformação da natureza em conjunto de objetos definidos ou definíveis. Cada "coisa" da natureza adquire o seu lugar fixo. A natureza fica como que paralisada. Torna-se manipulável. As coisas, assim humilhadas e paralisadas, tornam-se manipuláveis. Podem ser transformadas em instrumentos. O homem, esse sujeito, pode manipular a natureza, transformando as coisas em instrumentos. Pode assim, impelido pelo ódio à natureza, subjuga-la e aniquila-la, transformando-a em parque industrial. É o que realmente está acontecendo. O judaísmo é um primeiro passo nessa direção, com seu ódio às festas pagãs, nas quais o homem se confundia com a natureza sorvendo-lhe o sabor divino. O cristianismo é o passo decisivo, já que seu reino não é "desta Terra". O Cristo é a superação e a humilhação da natureza. O puritanismo com sua mortificação da carne é, presumivelmente, a última perfeição do cristianismo. Com efeito, é nos países puritanos que surge a industrialização, essa mortificação da natureza. A industrialização é a realização do cristianismo. Nela o espírito-sujeito (Cristo) subjuga a natureza objetivada e a aniquila. As sociedades tecnológicas, e mais especialmente a União Soviética, se aproximam rapidamente da total realização do cristianismo. Na sociedade socialista tecnológica é a realização material dos ensinamentos bíblicos. "O trabalho na fábrica equivale à missa" (Ferreira da Silva). A próxima realização total do cristianismo será o fim da história, como corretamente prevêm Hegel e Marx. A natureza totalmente profanada não deixará margem a nenhum acontecimento novo. O homem, totalmente alienado da natureza, e tendo totalmente transformado as coisas em instrumentos, não terá mais assunto. A vida será esvaziada de "aventura", esvaziada de "grandeza", de "exuberância", do "excelso". A noite cinzenta do nihilismo (no sentido nietzscheano) encobrirá a humanidade na forma do estado comunista realizado, isto é cristianismo realizado.

O ódio fundamental do pensamento ocidental face à natureza, (ódio esse desfarçado em "amor ao próximo"), não é uma autêntica "epifania do divino". No pensamento ocidental o divino não aparece. "Ser sujeito" não é uma autêntica forma de ser. "Ser sujeito" significa "não ser objeto". O pensamento ocidental é fundamentalmente negativo. Procura negar o ser e aniquilá-lo. "O dinamismo da praxis sujeitiforme é o puro não-ser-mais do Mundo" (aliás um belo exemplo do estilo ferreiriano). Daí se explica o triste resultado da civilização ocidental.

Felizmente, (embora Ferreira da Silva não o confesse expressamente) o Brasil não é totalmente ocidental. Não foi totalmente cristianizado. Elementos sadios, pagãos, positivos portanto, se conservaram. Ainda temos, no Brasil, elementos "festivos", nos quais o homem não se subjetiviza, mas se funde orgiasticamente com a natureza. O carnaval, por exemplo. Nessas "festas" podemos readquirir a faculdade do "pensamento simbólico". Este tipo de pensamento não humilha a natureza, não a paralisa, não a faz congelar em "coisas". Libera as coisas do peso, da escravidão do pensamento manipulador. A natureza volta a ser uma manifestação múltipla do divino, cheia de presenças divinas. A vida volta a ser festiva, cheia de aventuras. As coisas não são mais fixas e definidas, (não são conceitos), mas vagas, cada qual abrangendo todas as demais. Voltamos a ter a experiência viva do mundo, na qual a Terra não é mais aquele objeto fixo estudado e manipulado pela geometria, mas a deusa Gaia, de cujo colo materno, morno e escuro surgimus e a qual nos mantem com seu seio exuberante. A parreira não é mais uma planta a ser utilizada na indústria do vinho, mas incarnatione de Dionísio, do séquito enlouquecido das bacantes, do coro trágico, do sentido exuberante e extático da existência. Na própria escrivaninha do nosso escritório redescobriremos o altar edificado em louvor a um deus, altar esse que tem sido profanado pelo progresso de civilização ocidental em mero instrumento, em mera escrivaninha. Pois este é justamente o característico do símbolo, que ele não é unívoco, mas uma sinópse de muitos aspectos. Ele é a própria presença, a revelação simultânea, de todos esses múltiplos aspectos. A este pensamento simbólico, difuso, extático e festivo Ferreira da Silva nos convida.

Quem não sentirá o atrativo desse convite? Quem não lhe sentirá a beleza e a sinceridade? E quem não sentirá a sua "brasilidade", aquele elemento tropical e negróide que se introduz na conversação filosófica com Ferreira da Silva? Quem não se sentirá tentado, momentaneamente quando a argumentação for acom

panhada, como está, de sólidos conhecimentos da filosofia ocidental, a qual está digerida e de certa forma superada no pensamento ferreiriano? Entretanto creio que o convite deve ser recusado. O pensamento ferreiriano, embora belo e inquietante, é falso e pode ser perigoso. Não o é certamente na forma proposta pelo próprio pensador, (para tanto Ferreira da Silva é demasiadamente culto e humano), mas presta-se maravilhosamente a mistificações demagógicas e baratas. Eis alguns argumentos "in Ferreiram":

A sua análise do pensamento ocidental é válida, mas ela é válida para todo tipo do pensamento humano, não sómente para o ocidental. Pensar é um processo de subjetivação. Pensar é criar conceitos, portanto fixar as "coisas". Pensar é paralisar. O pensamento é inimigo da "vida". O "pensamento simbólico" que Ferreira da Silva advoga, não passa de um pensamento confuso e primitivo, com efeito de um "pré-pensamento", de um pensamento "in statu nascendi". Na realidade, o que Ferreira da Silva ataca, não é o Ocidente com sua praxis industrializante, mas o intelecto "tout court". A filosofia ferreiriana é um anti-intelectualismo estetisente. Não é paganism, mas neo-paganismo. Embora, portanto, sendo válidos os argumentos ferreirianos contra o intelecto, são inválidas as suas conclusões. Desconhece, ou pretende desconhecer, as "aventuras", a "exuberância", a "festividade" que o próprio intelecto proporciona. Toma o partido da "vida" contra o "pensamento", sem convencer-nos da superioridade "da vida". Mas é justamente na superioridade do "pensamento" sobre a "vida" que reside a dignidade da condição humana, (e não apenas da condição ocidental).

Este o argumento principal. Argumentos subalternos terão que salientar a profunda injustiça do ponto de vista ferreiriano face ao judaísmo, ao cristianismo e ao espírito científico, que não são explicáveis por "ódio". Terão que salientar a autenticidade da "epifania divina" nas religiões bíblicas. Terão que salientar a inexauribilidade dessas religiões, e portanto a impossibilidade de sua "realização total". Terão que retificar a perspectiva sobre o socialismo, embora nesse ponto a análise ferreiriana seja especialmente aguda. E muita outra coisa terá que ser dita em defesa daquilo que opomos, como homens, ao caos do inarticulado.

Mas estas coisas terão que ser ditas. Ferreira da Silva precisa ser respondido. É um desafio autêntico que precisa ser aceito. Ele é um autêntico filósofo que precisa ser tomado a sério. Esta é a tentativa feita neste artigo.